

Velhas (e nem tão velhas) teorias para novos *insights* em antropologia

Resenha do livro: CANDEA, Matei (Org.). *Escolas e estilos de teoria antropológica*. Petrópolis: Ed. Vozes, 2022.

Vinícius Teixeira Pinto

Loughborough University

viniciustxp@gmail.com

<https://orcid.org/0000-0002-3412-0719>

Está disponível para o público lusófono a versão brasileira de “*Schools and Styles of Anthropological Theory*” (*Escolas e Estilos de Teoria Antropológica*, Editora Vozes). Trata-se de uma coletânea de ensaios inéditos organizada originalmente em 2018. O responsável pela organização é Matei Candea, Professor do Departamento de Antropologia Social da Universidade de Cambridge, cujas principais pesquisas orbitam em torno de temas como ética, epistemologia, materialidades e política. Nesta coletânea, Candea reúne 15 palestras ministradas originalmente por ele e por outros 12 colegas na universidade inglesa. Elas fazem parte de uma série de conferências chamada “*Schools and Styles*”, que se repete ano após ano, e cujo público-alvo prioritário são os estudantes de graduação em antropologia social, ainda que se destinem também a pós-graduandos da área. Entre as *lectures* selecionadas, não há exatamente uma unidade temática. Pelo contrário, cada uma delas apresenta reflexões sobre diferentes escolas, estilos ou correntes de teoria antropológica. Essa característica é, certamente, uma das qualidades desta edição e se deve, conforme alega Candea (2022a, p. 13–15), à curadoria das temporadas de palestras, na qual tanto o departamento quanto o coordenador devem garantir o equilíbrio e a abrangência dos tópicos ministrados para que ofereçam perspectivas ampliadas e diversificadas. Nesse compilado, remetem ao ano letivo 2016/2017 e, para seu organizador, não representam uma visão caricatural do que é a antropologia para Cambridge. Se o livro oferece “visões

de Cambridge”, deve-se ter em conta que elas são múltiplas e mutáveis, afinal, o corpo docente e as perspectivas teóricas sempre se renovam. Por isso, os ensaios compõem, como afirma o autor (Candea, 2022a, p. 13–15), o retrato de um momento.

Podemos indagar, antes de esmiuçar as análises contidas na obra, o que são escolas, estilos e tradições na antropologia. A resposta não é simples e começa pela própria historicização dessas definições como dispositivos narrativos que, ainda hoje, são bem aceitos para a delimitação de estilos antropológicos, como são os casos das noções de evolucionismo, funcionalismo, estruturalismo e assim por diante. Essas categorizações — ou dispositivos narrativos — que apareceram com a consolidação da antropologia moderna, no começo do século XX, contudo, não foram adotadas uniformemente. Candea (2022a, p. 24) recupera a posição de Alfred R. Radcliffe-Brown (1940) que, ao entender a antropologia como um conhecimento do ramo das ciências naturais, discordava da existência de “escolas” de teoria. Apesar de objeções como esta, predominou, em relação às teorias antropológicas, uma percepção semelhante à dos paradigmas de Thomas Kuhn (1970). Isto é, uma ideia de que elas formariam conjuntos relativamente coesos e coerentes de métodos, técnicas e teorias. Há, no entanto, de acordo com Candea (2022a), três problemas fundamentais em assemelhar escolas antropológicas a paradigmas: primeiro, ignora-se a diversidade interna (p. 26); segundo, imagina-se, a cada mudança, uma ruptura entre as escolas (p. 26–27); e, terceiro, esquece-se que o agrupamento de autores e de teorias é datado, sendo, em alguma medida, arbitrário (p. 27–28). Assim, Candea (2022a, p. 29) nos direciona a pensar as escolas, não como “uma simples lista de objetos que existem no mundo”, mas como “uma maneira de pensar mudanças e estabilidades na teoria antropológica e enfocar problemas teóricos transversais mais amplos”.

Nessa linha, o livro *Escolas e Estilos* está longe de ser um catálogo de teorias. Seria melhor pensá-lo como um conjunto de discussões sobre as definições de escolas/estilos e seus efeitos antropológicos. O primeiro debate que o volume editado traz remete à constituição da antropologia como uma disciplina institucionalizada no começo do século XX nos contextos estadunidense e britânico. O capítulo de abertura, escrito por Candea (2022b), é o mais amplo da coletânea. Com o sugestivo título “Raízes cortadas”, o autor retoma o evolucionismo, o difusionismo, o funcionalismo e o estrutural-funcionalismo, endereçando-os como correntes que hoje são estudadas menos pelo valor teórico do que pela relevância histórica para a antropologia. Escapando de uma leitura que comprehende o evolucionismo como uma pré-história da disciplina que teria sido abandonada por seus

sucessores, o texto insere questões que, por vezes, são ignoradas, a saber: como autores evolucionistas inauguraram conceitos e temas de estudo; por quê, mesmo rejeitando os evolucionistas, os antropólogos do século XX mantiveram o termo “primitivo” em seus trabalhos; de que modo o estrutural-funcionalismo retornou a grandes esquemas comparativos e descontextualizantes (Candea, 2022b, p. 40). São indagações que, na contramão dos manuais introdutórios, sinalizam continuidades que persistiram na formação da moderna antropologia.

Para abordar esses tópicos, Candea (2022b) revisita, além de autores clássicos, trabalhos detalhados e consagrados sobre o período, como os de George W. Stocking (1983) e Adam Kuper (1973). A análise é bem-sucedida em demonstrar como diferentes concepções de “evolução”, entre as quais a de Herbert Spencer, impactaram em diversas áreas do conhecimento no século XIX. Nas antropologias de James G. Frazer, Edward B. Tylor e Lewis H. Morgan, prevaleceria uma ideia dos estágios de desenvolvimento da cultura que fundamentaria quadros gerais e comparativos com o objetivo de recompor a própria história ocidental (Candea, 2022b, p. 48). Apesar das fragilidades metodológicas exacerbadas nas críticas de Franz Boas e Bronislaw Malinowski, essa corrente legaria temáticas, como parentesco e religião, que foram aprofundadas nos anos subsequentes. Já a passagem da evolução à função no contexto britânico, estaria diretamente ligada à adoção da obra de Émile Durkheim como um novo horizonte teórico e seria a substituição de uma teleologia histórica por uma espécie de teleologia biológica/sociológica, na qual a sociedade é vislumbrada à semelhança de um organismo biológico (Candea, 2022b, p. 64–65). Em Malinowski, essa influência resultaria em um olhar contextualizado, dirigido a integralizar a vida social a partir de determinadas instituições. Em Radcliffe-Brown, resultaria no privilégio às estruturas sociais que, a despeito da constante mudança de indivíduos, mostraram-se duradouras. Em que pesem as divergências entre os mais influentes antropólogos na constituição da escola social britânica, a abordagem em sincronia foi ponto passivo, provocando efeitos de presente perpétuo e reiterando a imagem das chamadas sociedades primitivas como povos sem história (Candea, 2022b, p. 81). Esse aspecto motivaria a reformulação por sucessores como Edward E. Evans-Pritchard, Max Gluckman, Edmund R. Leach, entre outros.

Os temas dos capítulos seguintes são duas grandes teorias do século XX: o estruturalismo e o neomarxismo. Sobre a primeira, conforme elaborada por Claude Lévi-Strauss a partir da década de 1940, Rupert Stasch (2022) enfatiza como a influência exercida pela linguística de Ferdinand de Saussure resultou em uma abordagem inovadora e preponderante sobre a antropologia. Ao importar ideias por trás das noções de *langue*

(linguagem) e *parole* (fala), entendidas dicotomicamente como sistema (em sincronia) e prática (em diacronia) linguísticos (Stasch, 2022, p. 114–116), Lévi-Strauss consolidaria uma compreensão das estruturas simbólicas diferente da versão difundida pela antropologia social britânica. Aqui, não se trata mais de identificar papéis em relações sociais. Como na linguística, em que o significado de uma palavra é dado a partir de sua relação com as demais, trata-se de compreender as relações entre os elementos culturais. Essa mudança de olhar ofereceria novas interpretações, especialmente para o totemismo e para o parentesco. O neomarxismo, por sua vez, não se caracterizou pela mesma longevidade, embora tenha tido certa abrangência no Reino Unido e nos Estados Unidos, a partir dos anos 1960. Na avaliação de Caroline Humphrey (2022), ele pode ser definido como um conjunto de releituras de Karl Marx, assentadas em dois motivos históricos principais: a descolonização e as desigualdades em sociedades não capitalistas, bem como a inserção de novas teorias (psicanálise, existencialismo e teoria crítica) para repensar o marxismo (Humphrey, 2022, p. 145). Dessa geração, destacam-se essencialmente pesquisas que adentraram as lógicas próprias de diferentes sistemas econômicos (Godelier, 1977; Sahlins, 1972; Wolf, 1966).

Nos capítulos 4, 5 e 6, as análises não são a respeito propriamente da definição de escolas teóricas. Os autores se debruçam, em vez disso, sobre inovações conceituais e metodológicas que se consolidaram a partir dos anos 1970. Analisam o transacionalismo, de Fredrik Barth, e a teoria da prática, de Pierre Bourdieu que, conforme argumenta David Sneath (2022), ao orientarem o olhar para o ator e a ação social, foram, cada uma a sua maneira, reações ao estruturalismo. Abordam o problema da historicidade na antropologia, recuperado por Susan Bayly (2022, p. 201–202) ao recordar que, dada a sua associação com interesses teóricos evolucionistas, foi recusado tanto pelo funcionalismo como pelo estrutural-funcionalismo, apesar dos esforços de autores como Evans-Pritchard e Leach. Para Bayly, “etnografias historicamente emolduradas” (2022, p. 208), contribuíram para a percepção de diferentes historicidades no contexto do colonialismo (Sahlins, 1985; Bloch, 1989). E, na revisão de Harri Englund (2022), consideram refigurações do trabalho de campo desde a noção de método de caso ampliado, de Gluckman (1958), até a etnografia multissituada, de George Marcus (1998).

Tópicos clássicos como mente e corpo não foram ignorados. O capítulo 7, de autoria de Richard Irvine (2022), é dedicado à antropologia cognitiva, um estilo de antropologia que, embora não tenha sido tão dominante quanto outros, reinseriu questionamentos sobre os processos mentais humanos. Aliás, indaga o autor, quando teria

a antropologia perdeu o interesse por esses fenômenos, visto que estavam dentro do escopo pretendido por fundadores como Alfred C. Haddon e William H. Rivers? A resposta, pelo menos para o caso britânico, passaria pela influência da obra de Durkheim (Irvine, 2022, p. 246–247) que foi definitiva ao demarcar interesse estrito sobre as qualidades sociológicas — e não psicológicas — da vida social. Discutindo a aquisição da linguagem e os aspectos cognitivos, seus expoentes reencenam o clássico debate sobre os limites da natureza e da cultura, questionando se a mente é tão simplesmente um produto da socialização (Irvine, 2022, p. 264). Tais ponderações recordam, em certa medida, outras realizadas a partir dos estudos sobre corpo ou “corporificação” a partir da fenomenologia. Como Maryon McDonald (2022, p. 336–352) indica, a partir dos anos 1980, com a revisão à obra de Marcel Mauss, certos trabalhos demonstraram como o social emerge na experiência corporal (Csordas, 1994). Críticos dessa perspectiva indicariam que o referencial pressupõe o indivíduo e o humano como pontos de partida, o que inviabiliza o seu trânsito para contextos relacionais, como o amazônico, em que o perspectivismo ameríndio demonstrou a instabilidade das condições humana e animal. Ou ainda em contextos de corpos adquiridos ou articulados a artefatos sociotécnicos (McDonald, 2022, p. 346–347).

Há ainda dois capítulos dedicados a perspectivas teóricas críticas em antropologia. O primeiro deles aborda a Escola de Frankfurt, que teve menos influência sobre a antropologia do que sobre disciplinas próximas como a sociologia, a história e a teoria literária. Ainda assim, para Christos Lynteris (2022, p. 290–291), a redescoberta de Walter Benjamin significou a percepção de um potencial teórico crítico de uma corrente profícua para a produção de conceitos para definir o mundo social. Noções de mimese e *flaneur* ressoariam e provocariam efeitos metodológicos sobre a geração que, durante os anos 1980, repensou a modernidade e a antropologia como crítica cultural (Marcus; Fischer, 1986; Taussig, 1993; Appadurai, 1996). A segunda proposta de impacto crítico sobre a antropologia são as teorias de gênero e o feminismo. Para avaliar a incorporação antropológica, Jessica Johnson (2022) recorda abordagens pioneiras de Michelle Rosaldo e Sherry Ortner, nos anos 1970, apontando as inovações e os limites. Seu texto apresenta a influência de Judith Butler para abordagens que superam o esquema sexo/gênero como equivalentes a natureza/cultura. Avaliando o quadro geral mais atual dessas discussões, Johnson recupera as críticas pós-coloniais (Abu-Lughod, 2013; Mahmood, 2005; Ong, 2001; Oyéwùmí, 1997) que defenderam, cada uma a partir de seu contexto, abordagens feministas para além do ponto de vista ocidental. Esse capítulo ainda tem como ponto alto a retomada da análise de Marilyn Strathern (1988, p. 22–40), que sintetiza a “estranha

relação” entre antropologia e feminismo: enquanto a antropologia parte do movimento de compreensão e abertura à alteridade, o saber feminista opera em sentido crítico contra modelos de dominação masculina (Johnson, 2022, p. 366).

Além dos temas mais consolidados pelos estudos da história da antropologia, a obra oferece dois capítulos dedicados a teorias contemporâneas, forjadas ao final do século XX. Um exemplo disso é a discussão feita por Paolo Heywood (2022) sobre a virada ontológica que, após as pesadas críticas às políticas da representação feitas por James Clifford e seus colegas de “A Escrita da Cultura” (Clifford; Marcus, 1986), ofereceu alternativas para o tratamento da alteridade na antropologia. Autores como Roy Wagner, Martin Holbraad e Eduardo Viveiros de Castro buscaram colapsar a separação entre a representação e o que é representado (Heywood, 2022, p. 410). Outro exemplar de tópicos atuais é o capítulo assinado por Marilyn Strathern (2022) sobre a antropologia da personalidade. Retornando ao conceito clássico de pessoa inaugurado por Marcel Mauss, seu texto demonstra como análises, em especial do contexto melanésio, estão reconfigurando essa categoria pelo aporte das noções de pessoa relacional e pessoa partível.

Por fim, para além de correntes teóricas, debates e temáticas, restam ainda três análises dedicadas ao conjunto da obra de autores de vasta influência para a formação de gerações de pesquisadores: Clifford Geertz e Michel Foucault, ambos escritos por James Laidlaw (2022a; 2022b), e Bruno Latour, por Matei Candea (2022c). Esse grupo de textos traz conceitos, pesquisas e contribuições metodológicas de cada um desses autores. Na comparação com os demais ensaios, são capítulos mais detalhados, identificando diferentes fases, nuances e críticas em cada um dos autores. Com uma diversidade de propostas, *Escolas e Estilos* oferece um amplo recorrido teórico, desde as tradições que moldaram a moderna antropologia durante a institucionalização da disciplina, passando pelos grandes debates conceituais do século XX, chegando até algumas das tendências mais contemporâneas. Em geral, os textos são introdutórios e priorizam ofertar panoramas iniciais, realçando contextos históricos e intelectuais, sublinhando as principais contribuições e recuperando diferentes perspectivas críticas. Apesar dessa orientação, nenhum deles incorre em falta de profundidade sobre o tópico apresentado. Longe disso, o formato generalista e teórico do livro é exitoso ao reinserir uma gama variada de temas e questões que povoaram os debates antropológicos. Para isso, a obra apresenta muitos dos modos pelos quais conceitos e binômios como natureza/cultura, indivíduo/sociedade, agência/estrutura foram tantas vezes elaborados em função de diferentes contextos intelectuais, de insurgentes campos de pesquisa e de contingências históricas e sociais.

Mais do que um guia de categorias de análise antropológicas, *Escolas e Estilos* traz abordagens atentas às maneiras pelas quais escolas e teorias se consolidaram. Seus autores, ao demonstrarem como diferentes quadros teóricos se desenvolveram — ora dominando o campo intelectual, ora caindo no ostracismo — ajudam a perceber uma história da teoria antropológica que não é linear, nem contínua e tampouco cumulativa. Diferentemente disso, é possível notar como as teorias antropológicas se alimentaram de influências interdisciplinares, ao mesmo tempo em que foram constantemente tensionadas pelos impactos dos trabalhos de campo. Dado o entrelaçamento da teorização com estudos de caso e o “pareamento etnografia-teoria”, tem-se, na antropologia, uma “dinâmica particular [...] na qual realidades e experiências não familiares são constantemente utilizadas para reorientar e distorcer estruturas teóricas e suposições” (Candea, 2022a, p. 34). Esse aspecto nos leva àquele que se apresenta como o principal objetivo da obra, conforme lançado por Candea na introdução (2022a, p. 12–13): em vez de reiterar as chamadas “velhas teorias” como um “catálogo de erros” que servem simplesmente para reconhecer caminhos que não devem ser repetidos, o reexame delas, a recuperação de seus temas, de seus conceitos e de suas pesquisas, pode contribuir, inclusive para tópicos contemporâneos, através do aporte de novos *insights* antropológicos.

Referências

- ABU-LUGHOD, Lila. *Do Muslim Women need Saving?* Cambridge: Harvard University Press, 2013.
- APPADURAI, Arjun. *Modernity at Large: Cultural Dimensions in Globalization.* Minneapolis: University of Minnesota Press, 1996.
- BAYLY, Susan. Antropologia e história. In: CANDEA, Matei (Ed.). *Escolas e Estilos de Teoria Antropológica.* Petrópolis: Vozes, 2022. p. 196–220.
- BLOCH, Maurice (Ed.). *Ritual, History and Power. Selected Papers in Anthropology.* London & Atlantic Highlands: Athlone Press, 1989.
- CANDEA, Matei. Introdução – Ecos de uma conversa. In: CANDEA, Matei (Ed.). *Escolas e Estilos de Teoria Antropológica.* Petrópolis: Vozes, 2022a. p. 9-37.
- CANDEA, Matei. Raízes Cortadas – Evolucionismo, difusionismo e (estrutural-)funcionalismo. In: CANDEA, Matei (Ed.). *Escolas e Estilos de Teoria Antropológica.* Petrópolis: Vozes, 2022b. p. 39–112.
- CANDEA, Matei. Sem ator, sem rede e sem teoria – a antropologia dos modernos, de Bruno Latour. In: CANDEA, Matei (Ed.). *Escolas e Estilos de Teoria Antropológica.*

Petrópolis: Vozes, 2022c. p. 377–402.

CLIFFORD, James; MARCUS, George (Eds.) *Writing Culture: The Poetics and Politics of Ethnography*. Berkeley: University of California Press, 1986.

CSORDAS, Thomas (Ed.). *Embodiment and Experience*. Cambridge: Cambridge University Press, 1994.

ENGLUND, Harri. Do método de caso ampliado à etnografia multissituada (e vice-versa). In: CANDEA, Matei (Ed.). *Escolas e Estilos de Teoria Antropológica*. Petrópolis: Vozes, 2022. p. 221–244.

GLUCKMAN, Max. *Analysis of a Social Situation in Modern Zululand*. Manchester: Manchester University Press for the Rhodes-Livingstone Institute, 1958.

GODELIER, Maurice. *Perspectives in Marxist Anthropology*. Cambridge: Cambridge University Press, 1977.

HEYWOOD, Paolo. A virada ontológica – Escola ou estilo?. In: CANDEA, Matei (Ed.). *Escolas e Estilos de Teoria Antropológica*. Petrópolis: Vozes, 2022. p. 403–423.

HUMPHREY, Caroline. Marxismo e neomarxismo. In: CANDEA, Matei (Ed.). *Escolas e Estilos de Teoria Antropológica*. Petrópolis: Vozes, 2022. p. 145–165.

IRVINE, Richard. A antropologia cognitiva como crítica epistêmica. In: CANDEA, Matei (Ed.). *Escolas e Estilos de Teoria Antropológica*. Petrópolis: Vozes, 2022. p. 245–269.

JOHNSON, Jessica. A antropologia feminista e a questão do gênero. In: CANDEA, Matei (Ed.). *Escolas e Estilos de Teoria Antropológica*. Petrópolis: Vozes, 2022. p. 353–376.

KUHN, Thomas. *The Structure of Scientific Revolutions*. Chicago: University of Chicago Press, 1970.

KUPER, Adam. *Anthropologists and Anthropology: The British School 1922–1972*. London: Allen Lane, 1973.

LAIDLAW, James. Antropologia cultural interpretativa – Geertz e os críticos da sua “escrita da cultura”. In: CANDEA, Matei (Ed.). *Escolas e Estilos de Teoria Antropológica*. Petrópolis: Vozes, 2022a. p. 270–289.

LAIDLAW, James. As vidas antropológicas de Michel Foucault. In: CANDEA, Matei (Ed.). *Escolas e Estilos de Teoria Antropológica*. Petrópolis: Vozes, 2022b. p. 315–335.

LYNTHERIS, Christos. A Escola de Frankfurt, teoria crítica e antropologia. In: CANDEA, Matei (Ed.). *Escolas e Estilos de Teoria Antropológica*. Petrópolis: Vozes, 2022. p. 290–314.

MAHMOOD, Saba. *Politics of Piety: The Islamic revival and the Feminist Subject*. Princeton: Princeton University Press, 2005.

MARCUS, George. *Ethnography Through Thick and Thin*. Princeton: Princeton

University Press, 1998.

MARCUS, George; FISCHER, Michael. *Anthropology as Cultural Critique: An Experimental Moment in the Human Sciences*. Chicago: Chicago University Press, 1986.

ONG, Aihwa. Colonialism and Modernity: Feminist re-presentations of women in non-Western societies. In: BHAVNANI, Kum-Kum (Ed.). *Feminism and Race*. Oxford: Oxford University Press, 2001. p. 108–118.

OYEWUMÍ, Oyèrónké. *The Invention of Women: Making an African Sense of Western Gender Discourses*. Minneapolis: University of Minnesota Press, 1997.

RADCLIFFE-BROWN, Alfred Reginald. On social structure. *The Journal of the Royal Anthropological Institute of Great Britain and Ireland*, v. 70, n. 1, p. 1–12, 1940.

SAHLINS, Marshall. *Stone Age Economics*. New York: De Gruyter, 1972.

SAHLINS, Marshall. *Islands of History*. Chicago: Chicago University Press, 1985.

SNEATH, David. Do transacionalismo à teoria da prática. In: CANDEA, Matei (Ed.). *Escolas e Estilos de Teoria Antropológica*. Petrópolis: Vozes, 2022. p. 166–195.

STASCH, Rupert. Estruturalismo. In: CANDEA, Matei (Ed.). *Escolas e Estilos de Teoria Antropológica*. Petrópolis: Vozes, 2022. p. 113–144.

STOCKING, George W. *Observers Observed: Essays on Ethnographic Fieldwork*. History of Anthropology. Madison: University of Wisconsin Press, 1983.

STRATHERN, Marilyn. Pessoas e pessoas partíveis. In: CANDEA, Matei (Ed.). *Escolas e Estilos de Teoria Antropológica*. Petrópolis: Vozes, 2022. p. 424–444.

STRATHERN, Marilyn. *The Gender of the Gift: Problems with Women and Problems with Society in Melanesia*. Berkeley, Los Angeles, London: University of California Press, 1988.

TAUSSIG, Michael. *Mimesis and Alterity: A Particular History of the Senses*. Chicago: Chicago University Press, 1993.

WOLF, Eric. *Peasants*. New York: Prentice Hall, 1966.

Recebido: 03 de setembro de 2024.

Aceito em: 09 de junho de 2025.